# “Pneu furado”

## Um roteiro

de

## Igor Mendes

Copyright 2000 by Igor Mendes

Todos os direitos reservados.

[Igortka@uninet.com.br](mailto:tkacze@ruralrj.com.br)

( 21 ) 2443-5259

Pneu furado

### Argumento

César, empresário de meia idade, casado, com uma filha, tem o pneu do carro furado em uma rodovia federal quando viajava a negócios. Ao tentar trocar o pneu, descobre que está com o estepe vazio.

O local que se encontra é distante de qualquer residência que possa existir.

Após algum tempo, um jovem, de aparência rude, dirigindo um carro bem antigo, transportando caixotes de madeira, pára para ajudá-lo. Mesmo achando o jovem muito esquisito e, por ser a única ajuda que apareceu, resolve aceitar.O que César não sabia, era que esse jovem tinha antes que parar em um pequeno sítio, que se encontrava em uma saída da estrada, mais alguns quilômetros à frente. Durante o percurso, César faz duras críticas ao porteiro do prédio em que mora. Culpa-o pela sua situação, afinal de contas, ele paga para que o porteiro limpe e revise sempre o carro. O jovem, que dirige, escuta e não comenta nada, apenas dirige o carro. César observa o jovem. A aparência rude, a maneira como se aproximou oferecendo ajuda, o carro velho, os caixotes de madeira mau cheirosos, revela bem a natureza da classe deste jovem. César é comunicado, pelo jovem, que antes de consertar o pneu, eles teriam que dar uma parada para descarregar os caixotes. O sítio que param é um verdadeiro barraco no meio do mato.Galinhas soltas, um cachorro velho e cansado acompanham uma velha desdentada, andando em cadeira de rodas, se locomovendo com uma certa dificuldade, se aproxima e recebe César. A velha se diz chamar Dona Clara, e é a mãe desse jovem. Dona Clara vai logo convidando César para um delicioso ensopado que só em sítios como este se come. César recusa, quer logo resolver o problema do pneu e seguir viagem, e que só está esperando o filho dela acabar de descarregar o carro para que possam seguir até um borracheiro mais próximo e consertar o pneu furado.

O jovem, após descarregar o carro, tenta dar a partida para seguir viagem, o motor do carro não pega. O jovem tenta de tudo para fazer o carro pegar, mas não adianta. Dona Clara, afirmando ser destino, fala para César que ele vai comer o ensopado mais gostoso da vida dele. A situação que César se encontra não é nada boa. O sítio, isolado, não tem telefone; o celular de César não dá sinal. Não há outro jeito, César aceita o convite. A velha esboça uma gargalhada cortante, que chega a incomodar, mais ainda, pelo fato de sua boca não possuir todos os dentes.

Na mesa bem simples, Dona Clara sentada na cabeceira com o filho ao lado direito e César à sua frente, chama pelo nome de Sônia. Para César era novidade, outra pessoa morava naquele lugar totalmente isolado. Ao virar o rosto, vê uma linda morena. Carrega uma panela grande de barro para a mesa. Seu rosto é lindo, perfeito, apesar de mau tratado. Seu olhar transmite a mistura de mulher e menina. Usando um vestido velho e um pouco curto, deixa a mostra um par de pernas perturbador. Sônia, ao pousar a panela na mesa, facilita para César reparar no decote e entrever os seios, lindos. César perturba-se com tanta beleza.

O ensopado era realmente uma delícia, a presença de Sônia melhorava mais ainda o sabor, que era, de vez em quando, agredido pela gargalhada da velha, que abrindo a boca deixava ver os nacos de carne e batata serem esmagados por sua gengiva de poucos dentes, formando assim, uma baba que escorria pelo queixo e caía na mesa em forma de gotas.

É oferecido a César pernoitar no sítio, com a promessa de resolverem a situação na manhã seguinte. César aceita.

O quarto de César fica bem ao lado do quarto de Sônia, sendo separados por uma porta. Durante os preparativos dentro do quarto para se deitar, César, sentado na cama, retira a carteira para ver a foto de sua mulher e sua filha que está com doze anos, acaricia com os dedos a fotografia e volta a guardar na carteira. Ao se deitar definitivamente, César percebe uma fresta entre a porta que divide os dois quartos, resolve então espionar o que tem do outro lado. Levantando-se da cama, César olha pela fresta e consegue ver o outro quarto. Sônia em pé, de costas para a porta, tira uma alça do vestido, depois a outra, o vestido cai. Sônia, só de calcinha, abaixa-se, pega o vestido e pendura em um prego na parede. César afasta-se, anda de um lado para outro no quarto, excitado, volta olhar pela fresta. Vagarosamente, Sônia penteia seus longos cabelos, mirando-se em um pedaço de espelho pendurado na parede. Pára de se pentear. Tira a calcinha e a joga sobre uma pequena cadeira no canto do quarto, vira-se em direção à cama, seu corpo está todo exposto. César vê a nudez total da mulher. Sônia aproxima-se da porta e a abre. César não tem reação de imediato, ficando parado diante da mulher, mas após alguns segundos, entra no quarto agarrando e beijando-a de forma voraz. Uma noite de luxúria, uma loucura. Sônia era uma mulher sem pudores, tinha domínio do sexo.César se entrega a um prazer que poucas vezes teve na vida.

Na manhã seguinte, César acorda com Sônia se vestindo, tenta puxá-la para cama, mas ela se recusa, põe o vestido e sai. César se levanta também, e ao começar a se vestir, recebe uma pancada na cabeça, cai, mas ainda dá tempo de se virar e ver o jovem com um cutelo na mão. Dona Clara, a velha, está ao lado e Sônia passa em direção à cozinha levando a panela de barro. Mais uma gargalhada cortante da velha e o jovem aplica-lhe outra pancada na cabeça.

O carro de César, que ficou na estrada, é abordado por um carro de polícia.

No sítio de Dona Clara, o delegado chega para o almoço. Pergunta o que tem hoje de gostoso. Dona Clara responde:

\_ Executivo de meia idade, branco, olhos claros.

\_ Delícia! Diz o delegado.

Sônia traz a panela de barro e a põe na mesa.

***Igor Mendes.***

“PNEU FURADO”

FADE IN:

INT. CASA DE CÉSAR / MESA CAFÉ DA MANHÃ – DIA.

Arrumado para o trabalho, César e sua esposa, estão à mesa da cozinha tomando o café da manhã. CLOSEUP das mãos de César passando geléia em uma torrada. CLOSEUP da boca de César mordendo com suavidade. Outra mão, agora feminina, despeja mel na torrada e logo em seguida leva também à boca mordendo suavemente.

A cozinha é clara, limpa.Uma refeição leve, saudável e variada é apresentada.

CÉSAR ( colocando a xícara no pires )

Hoje preciso pegar estrada.

ESPOSA

Verifique as condições do carro.

CÉSAR

Está tudo bem. O porteiro vê isso para mim.

ESPOSA

Tem certas coisas que o dono tem que ver.

CÉSAR

Deixe-me ir. O café estava uma delícia.

César se despede da esposa com um beijo de estalo na boca.

INT. GARAGEM DO PRÉDIO DE CÉSAR – DIA.

No caminho até seu carro, César pisa em cocô de cachorro. Reclama, tira seu sapato e lava em uma torneira na garagem mesmo.

César calça o sapato e entra no carro.

CLOSEUP - Pisando no cocô e lavando o sapato na torneira.

EXT. PORTARIA DO PRÉDIO DE CÉSAR – DIA

Sem sair do carro, César conversa com o porteiro.

CÉSAR

Seu José!

JOSÉ

Bom dia Dr César, tudo bem?

CÉSAR

Poderia estar melhor se não fosse o cocô que eu pisei lá na garagem.

JOSÉ

Cocô?!

CÉSAR

É, cocô de cachorro, bem no caminho! Pisei! Vê se não esquece de limpar, antes que mais alguém pise.

JOSÉ

Pode deixar Dr. César.

César sai com o carro.

EXT. ESTRADA / CARRO DE CÉSAR - DIA.

César guia seu carro em uma estrada tranqüila, sem trânsito. Uma música toca no rádio do carro. De repente uma interferência no rádio tira a estação do ar. César tenta outras estações, mas não adianta. Xinga. César mexe no compartimento de CD e coloca um para tocar no aparelho do carro. Não funciona, tenta novamente e nada. César xinga de novo, soca o painel do carro, o CD é ejetado. César coloca o CD de novo no aparelho e não toca novamente. César desiste.

César abaixa o vidro do carro e acende um cigarro na segunda tragada o pneu do carro estoura. CLOSE-UP do pneu estourando.

EXT. ACOSTAMENTO DA ESTRADA – DIA.

César pára seu carro. Salta para ver direito o que aconteceu. O pneu traseiro direito estourou. César abre a mala do carro, pega o macaco, encaixa no carro, começa a suspender o carro.

Encaixa a chave de roda e tenta afrouxar os parafusos, o pneu gira, a roda está solta.César volta para dentro do carro e puxa com força o freio-de-mão. Volta para a roda e consegue soltar os parafusos. Tira o pneu furado, vai pegar o estepe e percebe que está vazio. César tem uma reação explosiva, grita, xinga, esperneia, chuta o carro. Pega o celular do bolso, mas como o rádio, não funciona, sem sinal. César senta na beira da estrada perceptivelmente desanimado.

EXT. ESTRADA / CARRO DO JOVEM – DIA.

Uma mão, com pequena tatuagem, passa a marcha do carro. A marcha tem um enfeite como aquelas bolas de acrílico com um siri dentro. Caixas de madeira como as de feira, estão dentro do carro. Um jovem com semblante frio, sem emoção, dirige o carro. O jovem vê o carro de César.

EXT. ACOSTAMENTO ESTRADA. – DIA.

O jovem pára o carro. Salta e caminha em direção a César.

JOVEM

Está precisando de ajuda?

CÉSAR ( meio encabulado )

Pois é ... Veja só ... O pneu do carro estourou e quando eu ia trocar, vi que o estepe estava vazio, que coisa.

JOVEM

O meu estepe não cabe no seu carro. Posso te dar uma carona até a cidade mais próxima, lá tem borracheiro.

CÉSAR

Teria algum telefone aqui por perto?

JOVEM ( seco )

Não.

CÉSAR

( tirando o celular do bolso )

O meu celular não funciona.

JOVEM

Esses aparelhos não funcionam nessas redondezas. Quer a carona ou não?

CÉSAR

Sim, sim, claro.

EXT. ESTRADA / CARRO DO JOVEM - DIA

Dentro do carro César e o jovem seguem caminho na estrada.

CÉSAR

Hoje não é meu dia mesmo. Primeiro pisei no cocô na garagem do meu prédio, aí o rádio do carro parou de funcionar. Agora me acontece isso! O pneu fura e o estepe está vazio, porra! Nem o celular pega, que merda!

César olha para a parte de trás do carro e vê os caixotes.

CÉSAR

Caixotes de feira né? Você trabalha com feira?

JOVEM

Vendo carne.

CÉSAR

Bom, bom ... É tudo culpa daquele puto do porteiro, não serve pra porra nenhuma! Eu pago por fora pra ele manter o carro em ordem pra mim!

O carro do jovem anda pela estrada, sem trânsito.

JOVEM

Eu vou ter que dar uma parada para descarregar os caixotes num sítio aqui perto.

CÉSAR

Sim, sim, tudo bem.

EXT. SÍTIO DNA CLARA – DIA

O jovem pára o carro. O Sítio tem uma aparência miserável, galinhas soltas cachorros andando. César salta do carro. O jovem começa a descarregar os caixotes. Uma velha, em cadeira de rodas, se aproxima de César.

DNA CLARA

Bom dia meu senhor.

CÉSAR

Bom dia minha senhora.

DNA CLARA

Meu nome é Clara, muitos me chamam de Dona Clara, sou a mãe deste jovem. E você, quem é?

CÉSAR

Sou César. Peguei uma carona com seu filho, pois o pneu do meu carro furou e como o estepe está vazio, ele vai me levar até a cidade mais próxima.

DNA CLARA ( leve risada )

Essas coisas são chatas. Mas o bom da história é que você chegou bem na hora do almoço, vai comer um ensopado que só existe no sítio de Dna Clara!

CÉSAR ( esquivando-se )

Eu adoraria, mas realmente estou com pressa. É só seu filho acabar de descarregar o carro que nós vamos partir. Eu até pago o almoço para ele, lá na cidade.

O jovem pega a última caixa de madeira e quando vai colocar no chão, sai de dentro dela um sapato feminino, fino. César vê.

JOVEM

( jogando o sapato nos caixotes )

Aparece de tudo nesses caixotes de feira.

O jovem entra no carro e tenta dar a partida, o carro não pega. O jovem sai do carro, abre o capô e mexe no motor. Volta e tenta novamente dar a partida, o carro não pega.

JOVEM

Tem que esperar o motor esfriar.

DNA CLARA

É o destino! Você vai comer o melhor ensopado da sua vida!

CÉSAR

É, vamos nessa.

Dna Clara dá uma gargalhada cortante, que chega a incomodar, ainda mais pelo fato de sua boca não possuir todos os dentes.

INT. SÍTIO DNA CLARA / MESA ALMOÇO – DIA

Em uma mesa bem simples, Dna Clara sentada na cabeceira com seu filho ao lado direito e César a sua frente.

DNA CLARA

Sônia pode trazer!

Ao virar o rosto, César vê uma linda morena. Sônia carrega uma panela grande de barro para a mesa. Um rosto lindo, apesar de um pouco mau tratado. Sônia usa um vestido velho e curto o suficiente para que César repare em suas pernas bem feitas. Sônia ao pousar a panela sobre à mesa, deixa entrever a César seus seios através do decote do vestido. Lindos. Todos se servem do ensopado. Mãos cortam carnes, bocas mastigam. Garfos com pedaços de carne e batata são levados à boca por todos.

JOVEM

Posso tentar ligar o carro depois do almoço.

CÉSAR

Seria ótimo.

SÔNIA

O que aconteceu?

JOVEM

O pneu do carro dele estourou, o estepe está vazio, então eu estou dando uma carona para ele até a próxima cidade. É só o meu carro esfriar um pouco que ele pega.

DNA CLARA

Sônia seu tempero está cada vez melhor!

Todos riem, menos César, que repara nos nacos de carne sendo esmagados, junto com a batata, pela gengiva de poucos dentes da velha, formando uma baba que escorre pelo queixo caindo na mesa em forma de gotas.

SÔNIA

O que vocês vão fazer se o carro não pegar?

JOVEM

Ele pega sim.

CÉSAR

Tem que pegar.

César engole mais um pedaço de carne.

EXT. SÍTIO DNA CLARA – DIA.

O jovem tenta dar a partida mas o carro não pega. César e Sônia flertam. O jovem mexe no motor e tenta novamente, mas não adianta, o carro não pega.

DNA CLARA

( gargalhando )

Não vai pegar. Você pode dormir aqui hoje. Tem um quarto ao lado do quarto de Sônia que você pode usar.

JOVEM

Não vai dar tempo de consertar o carro, ir para a cidade e voltar. Eu só vou fazer isso amanhã mesmo.

SÔNIA

A cama é um pouco dura, mas não é tão ruim.

CÉSAR

Quando o problema não tem solução, solucionado está. Eu fico.

Dna Clara dá uma risada.

INT. SÍTIO DNA CLARA / SALA – NOITE.

Dna Clara em sua cadeira de rodas. O jovem, sentado em uma poltrona velha, manipula seu canivete em um toco de madeira, como se estivesse esculpindo.

César, em pé, segue Sônia que mostra o quarto.

SÔNIA

Aqui é o banheiro, se quiser tomar um banho, posso arranjar uma toalha.

CÉSAR

Obrigado, mas não precisa. Eu tomo um banho assim que chegar na cidade amanhã.

SÔNIA ( sorrindo )

Como você quiser.

INT. SÍTIO DNA CLARA / QUARTO DE CÉSAR – NOITE.

Os quartos de César e Sônia são geminados e separados por uma porta. César, sentado na cama só de calças, retira a carteira do bolso. Abre e tira uma foto de sua mulher e filha. Acaricia com os dedos levemente, em seguida guarda a carteira. Seu quarto está à meia luz, iluminado por vela. Ao se levantar vê um pequeno objeto embaixo de sua cama, abaixa e pega. É um sapato feminino, igual ao que estava nos caixotes de feira. Olha em direção à porta que divide os dois quartos. Um feixe de luz atravessa para seu quarto. César vai até a porta e espiona pela fresta. Vê Sônia, ela está de costas para à porta. Sônia tira uma alça do vestido, depois a outra. O vestido cai. Sônia, só de calcinha, abaixa e pega o vestido, pendurando-o em um prego na parede.

César pára de olhar, anda de um lado para outro com o sapato ainda na mão, joga o sapato sobre a cama, excitado volta a olhar pela fresta da porta. Vê Sônia penteando seus cabelos. Sônia pára de se pentear e tira a calcinha. Joga-a sobre um banco no canto do quarto. Vira-se, seu corpo está totalmente exposto. Nua, se aproxima da porta.

César afasta-se. Sônia abre a porta. César fica parado por alguns instantes, mas logo em seguida avança sobre Sônia beijando-a de forma voraz. Sônia o envolve com as pernas. César caminha em direção à cama de Sônia. Ambos caem sobre a cama. Sônia fica por cima de César.

INT. SÍTIO DNA CLARA / QUARTO DE SÔNIA – DIA.

Manhã seguinte. Sônia se levanta da cama e começa a se vestir.

César acorda, vê Sônia e tenta puxá-la para a cama.

Sônia esquiva-se e sai do quarto. César se levanta também, começa a colocar sua roupa. Pega a cueca e veste, depois a calça. Uma mão acerta um golpe violento na nuca de César. César cai. Ao se virar, no chão, vê o jovem com um cutelo na mão. Dna Clara está ao lado do jovem, ambos estão na entrada da porta do quarto. Sônia passa por trás dos dois, levando a panela de barro.

Dna Clara dá mais uma gargalhada e o jovem aplica-lhe outro golpe.

EXT. ACOSTAMENTO ESTRADA – DIA.

Um carro da polícia está ao lado do carro de César. Um policial, em pé, anota em um bloco de ocorrência a palavra abandonado.

Outro carro de polícia se aproxima, é o delegado.

DELEGADO

O que é?

POLICIAL

Não sabemos ainda. O carro foi encontrado deste jeito.

DELEGADO

Verifica o chassi e a placa, depois me passa um rádio.

POLICIAL

Sim senhor.

O Delegado sai em seguida pela estrada.

EXT. SÍTIO DNA CLARA – DIA.

O Delegado chega ao sítio. Salta do carro. Vê Dna Clara e Sônia na pequena varanda de entrada do sítio. Caminha em direção às duas. No caminho, vê o jovem juntando os caixotes dentro do carro.

De dentro de um dos caixotes, sai a carteira de César, caindo no chão, bem perto dos pés do delegado. O delegado vê, abaixa e pega a carteira. O jovem vai até dentro do carro e pega o par de sapato feminino e dá ao delegado.

DELEGADO

Você precisa tomar mais cuidado.

JOVEM

Ninguém nunca vai descobrir.

DELEGADO

Essas coisas se tornam evidências. Em mãos erradas podem comprometer nosso negócio.

JOVEM

Mas no momento elas estão em mãos corretas, não é mesmo Dr. Delegado?

O Delegado caminha em direção à Dna Clara e Sônia.

DELEGADO

Sônia! Está cada vez mais atraente.

SÔNIA

Obrigada. É a dieta.

DELEGADO

E então Dna Clara, o que temos para o almoço?

DNA CLARA

Executivo de meia idade, branco, olhos claros.

DELEGADO

Delícia!

FADE OUT.

FIM